

QUEIROZ, Andrezza Alves; DEMÉTRIO, Alana Kercia Barros; COSTA, Maria Helenice Araújo. Referenciação e reconstrução da intersubjetividade em cartas de amor do início do século XX. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

REFERENCIAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA INTERSUBJETIVIDADE EM CARTAS DE AMOR DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Andrezza Alves Queiroz¹

Alana Kercia Barros Demétrio²

Maria Helenice Araújo Costa³

andrezzaaqueiroz@gmail.com

alanakerciab@gmail.com

mariahelenicearaujo@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, discutimos a (re)construção da intersubjetividade nas cartas de amor de um casal de namorados dos anos 1930, Jayme e Maria, a partir das expressões utilizadas para referirem-se ao *self* e ao outro, bem como das predicções que possibilitam a (re)construção das identidades desses interactantes. Ancorando-nos em alguns postulados teóricos do campo da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003; APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995; SALOMÃO, 1999) e em reflexões derivadas da teoria da enunciação (VOLOSHINOV, 2002; BENVENISTE, 2006; SOBRAL, 2013a; 2013b), analisamos o levantamento quantitativo de todas as expressões vocativas utilizadas nas noventa e duas cartas trocadas pelo casal, além de alguns trechos das cartas que nos fornecem pistas significativas para delinear a (re)construção das (inter)subjetividades dos interlocutores. Os resultados mostraram a presença frequente, nas cartas de Jayme, de formas inovadoras para referir-se a Maria, à medida que ele exalta a figura da noiva; evidenciaram também a contribuição do contexto de uso situado e do contexto socialmente partilhado para a construção das identidades dos sujeitos.

Palavras-chave: Referenciação; Intersubjetividade; Cartas de amor.

¹ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UECE). Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UECE). É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ Doutora em Linguística, professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UECE), membro do Protexto (UFC).

INTRODUÇÃO

A questão da referência tem sido, nas últimas décadas, objeto de grande interesse da Linguística Textual. No Brasil, as ideias de autores como Mondada e Dubois (1995) e de Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995) em torno dessa temática encontraram terreno fértil. A proposta lançada por eles de se deslocar o olhar da referência para a referenciação, o que na prática significa abandonar a visão especular sobre o ato de designar e atentar para os processos sociocognitivos instaurados durante as negociações de sentido que permeiam o uso da linguagem, foi aqui notavelmente acolhida pelos estudos do texto e passou a orientar a maior parte das pesquisas.

Esses estudos têm ampliado e refinado conceitos, promovido diferentes interfaces teóricas e metodológicas e ainda têm desenvolvido alguns estudos aplicados. Algumas obras recentes testemunham essa curiosidade e os efeitos daí advindos. Entre muitos outros exemplos, podemos citar Cavalcante *et al.* (2007), um compêndio que congrega as primeiras pesquisas realizadas no Prottexto, Cavalcante (2011), que discute os desdobramentos conceituais dessas e de outras pesquisas empreendidas no âmbito desse grupo, e Cavalcante e Lima (2013), uma coletânea mais recente composta por trabalhos que dialogam com conceitos e/ou metodologias de outros campos de pesquisa, assim como promovem algumas aplicações.

No presente trabalho, recorreremos à teoria da referenciação, aplicando-a a uma questão que nos parece ainda não abordada de forma específica pelos estudos realizados até aqui (considerando, naturalmente, a interface que tentamos estabelecer, bem como o material que analisamos): a (re)construção da (inter)subjetividade em cartas pessoais. Para tratar desse problema, tomamos como objeto de estudo cartas trocadas entre namorados do início do século XX. A amostra que selecionamos para análise é parte do *corpus* “Acervo Jayme-Maria ‘casal dos anos 30’ (1936-1937)”, hospedado na página do *Laboratório de História do Português Brasileiro*.

Discutimos na análise de que modo, nas cartas em questão, Jayme e Maria se constroem mutuamente, enquanto sujeitos sociocognitivos, por meio das categorizações e recategorizações que ocorrem no uso das expressões vocativas, bem como por meio das predicções que cada um desenvolve ao longo de seus textos.

Organizamos este artigo na seguinte sequência: iniciamos com uma discussão teórica em torno do conceito de referenciação e da (re)construção de sujeitos por meio das negociações de sentido e, como parte desse tópico, desenvolvemos uma breve reflexão sobre a (inter)subjetividade no discurso epistolar. Abrindo o tópico de análise, apresentamos uma visão geral de todas as formas referenciais vocativas presentes nas cartas de Jayme e Maria para, depois, enfocarmos a construção do *self* e do outro discutindo trechos selecionados dessas cartas para análise. Encerramos o texto, retomando de forma mais geral observações feitas durante a análise e ressaltando a pertinência da interface entre a teoria da referenciação e os estudos da enunciação para o olhar que lançamos sobre os dados e as inferências que fizemos a partir desse olhar.

1. REFERENCIAÇÃO E (RE)CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS DISCURSIVOS

No âmbito dos estudos atuais da Linguística Textual, o olhar sobre a questão da referência vem se consolidando sob a perspectiva, fomentada há mais ou menos duas décadas, sobretudo a partir dos estudos de Mondada (1994), de que nossos atos de referir são esforços sociocognitivos que empregamos para construir objetos de discurso. De acordo com essa perspectiva, que, consoante Bentes e Alves Filho (2012), representou uma “virada interacional-discursiva” no campo de estudos do texto e do discurso, a noção de referência dá lugar à de referenciação, apontando para o caráter processual que assumem nossas práticas discursivas.

Contrapondo-se à ideia filosófica clássica da linguagem como representação, correspondência especular ou esboço cartográfico do mundo, essa noção se presta, conforme Mondada e Dubois (2003: 20), à compreensão da instabilidade, variabilidade e flexibilidade da língua como aspectos subjacentes aos próprios objetos de discurso, uma vez que não mais se trata de referentes, isto é, de entidades pertencentes a uma realidade extramental ou extralinguística. A referenciação advém, portanto, “de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada”.

Como postulam as autoras, essas práticas “não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003: 20); elas constituem negociações intersubjetivas; permitem que os falantes, ao interagir, entre si e com os espaços que ocupam,

categorizem o mundo “por meio de mediações semióticas complexas” (MONDADA; DUBOIS, 2003: 22).

Em vez de um ato adâmico, primordial e arbitrário, a categorização é um fenômeno social e situado, que, apoiadas em Sacks (1972: 23), as autoras definem como “um problema de decisão de dependência que se coloca para os atores sociais”, cuja solução estaria na escolha colaborativa de uma determinada categoria em um contexto específico.

A questão não é mais avaliar a adequação de um rótulo ‘correto’, mas de descrever em detalhes os procedimentos (linguísticos e sociocognitivos) pelos quais os atores sociais se referem uns aos outros – por exemplo, categorizando qualquer um como sendo um ‘homem velho’, em vez de um ‘banqueiro’, ou de um ‘judeu’ etc., tendo em conta o fato de algumas destas categorias poderem ter eventualmente consequências importantes para a integridade da pessoa (SACKS, 1972 *apud* MONDADA; DUBOIS, 2003: 23).

A contingencialidade desses procedimentos linguísticos e cognitivos pode ser tributada à instabilidade constitutiva das categorias. Segundo Mondada e Dubois (2003: 29), por estarem as ocorrências das categorias subordinadas às práticas cognitivas e enunciativas dos sujeitos em suas interações, elas emergem na negociação de “uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo”.

As autoras explicam que para operar a construção discursiva das categorias, os sujeitos vão segmentando a materialidade do mundo e das experiências humanas, avaliando, a partir da recorrência a elementos (intenções, convenções, conflitos de interpretação) ancorados em situações de interação determinadas, “restrições e potencialidades linguísticas para desenhar uma representação cognitiva socialmente compartilhada da realidade” (MONDADA; DUBOIS, 2003: 32). Afirmam ainda que é exatamente essa instabilidade que permite que um objeto discursivo seja *construído*, dada a sua indisponibilidade como categoria única, fixa, pronta; tal indisponibilidade torna esse objeto sujeito a reavaliações e transformações a cada reenquadramento do contexto discursivo.

De acordo com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), além da possibilidade de realizar seleções lexicais dentro de séries não fechadas que os permitam designar um dado objeto, os falantes podem, de fato, a cada momento do discurso, por meio da *recategorização*,

[...] modular a expressão referencial em função das intenções do momento; estas podem ser de natureza argumentativa (sustentar uma certa conclusão),

social (mediar a face do outro, eufemizar o discurso), polifônica (evocar um outro ponto de vista sobre o objeto que não o do enunciador), estético-conotativa, etc⁴ (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995: 242).

No exemplo (1), de uma interação face a face, apresentado por Marcuschi (2007), podemos observar a ocorrência dessa modulação em função, neste caso, da construção das relações interpessoais. O autor nos mostra como as relações de poder interferem nessa construção e na interpretação dos enunciados da conversação entre uma empregada doméstica (H, 33 anos) e a filha da patroa (M, 18 anos) na residência:

- (1) 1 H: Marta tua mãe saiu e disse pra você estudar
2 M: agora tá bom (..) até a madame tá se metendo na minha
3 vida é?
4 H: tá bom (..) nem falo mais (..) você se vire com tua mãe
5 M: é isso aí (..) deixa de se meter Hilda
6 H: só tava dizendo o que tua mãe me mandou
7 M: sei (..) bem que você gos::ta

Como explica Marcuschi (2007), ao reinterpretar a informação dita pela empregada doméstica no contexto das relações de poder, a filha da patroa sugere a construção de um referente que explicita, pela ironia, o imperativo de resguardar a condição de submissão imposta à interlocutora. Percebemos assim que, quando a moça recategoriza o nome próprio ou o pronome de tratamento (implícitos na situação de fala)⁵, empregando a irônica expressão linguística “a madame” e utilizando a interrogação como recurso expressivo, está procurando estabelecer ou ratificar colaborativamente uma relação de dominação ou de superioridade em relação à sua interlocutora.

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995: 240), as metamorfoses provocadas pelo nosso esforço de modelação dos objetos discursivos no desenrolar de nossas atividades languageiras afetam a base de conhecimento compartilhada a cada momento do discurso, de modo que todo objeto pode ser considerado evolutivo, uma vez que “cada predicação a ele concernente modifica seu *status* informacional na

⁴ “[...] moduler l’expression référentielle en fonction des visées du moment; celles-ci peuvent être de nature argumentative (soutenir une certaine conclusion), sociale (ménager la face de l’autre, euphémiser le discours), polyphonique (évoquer un autre point de vue sur l’objet que celui de l’énonciateur), esthétique-connotative, etc.” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995: 242).

⁵ Vale mencionar que Cavalcante (2011) sustenta, concordando com a crítica de Lima (2008) à abordagem de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que “os limites do processo de recategorização vão além da superfície textual e, portanto, não se prendem à menção de uma âncora no cotexto” (CAVALCANTE, 2011: 148).

memória discursiva – mesmo quando se trata de uma predicação não transformacional⁶”.

Corroborando esse pensamento, Koch (2002: 40) afirma que, dado o seu caráter dinâmico, “uma vez introduzidos na memória discursiva, [os objetos de discurso] vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual”. Sobre essa questão, Jaguaribe (2007) argumenta que, ao entendermos a *categorização* como um processo sociocognitivo, a *recategorização* deve apresentar-se a nós como uma atividade que se realiza numa dimensão mais ampla que a superfície do texto. Para a autora, isso implica que, além das expressões referenciais, outros recursos portadores de propriedades atributivas podem alterar o estatuto de um objeto discursivo, promovendo a recategorização, como fica evidente nos versos do exemplo (2), que ela nos expõe:

(2) o amor, esse sufoco,
agora há pouco era muito
agora, apenas um sopro

ah, troço de louco,
corações trocando rosas,
e socos

Jaguaribe (2007) aponta como a concepção de amor, até certo ponto estabilizada num esquema mental que caracteriza a visão do senso comum, transforma-se progressivamente ao longo do poema pelo uso de expressões que atribuem ao objeto (amor) outras características. Percebemos, desse modo, que os recursos linguísticos empregados pelo enunciador atendem ao propósito de negociar com o interlocutor a reavaliação do objeto.

Naturalmente, essa negociação entre os interlocutores não ocorre apenas na (re)construção dos aspectos do entorno físico, social e cultural em que interagem; sua própria identidade inscreve-se igualmente nesse processo de (re)criação de uma versão compartilhada da realidade. E assim como a discursivização do mundo, a representação de si e do outro não se limita à materialidade linguística; a recategorização neste caso também não se manifesta apenas por meio de expressões referenciais. No exemplo (3), a seguir, um diálogo presente na obra *Através do*

⁶ “[...] chaque prédication le concernant modifie son statut informationnel en mémoire discursive - même s’il s’agit d’une prédication non transformationnelle” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995: 240).

espelho, de Lewis Carroll, fica evidente como Alice negocia com seu interlocutor, Humpty Dumpty, a recategorização de sua representação do personagem sem que a expressão referencial (ovo) contida na materialidade seja propriamente alterada:

- (3) “Mas ele é exatamente como um ovo!” ela disse alto, com as mãos prontas para segurá-lo, pois temia que ele estivesse para cair a qualquer momento.
“É *muito* irritante”, Humpty Dumpty disse após um longo silêncio, sem olhar para Alice enquanto falava, “ser chamado de ovo — muito!”
“Eu disse que *parecia* um ovo, Senhor”, Alice explicou gentilmente. “E alguns ovos são muito bonitos, sabe”, ela acrescentou, com esperança de transformar seu comentário numa espécie de elogio⁷ (CARROLL, 2001: 218, grifos do autor).

Observamos que, no exemplo (3), a recategorização se realiza por meio de processos sociocognitivos mais complexos. Conforme Salomão (1999), *representar* só é possível quando o conhecimento que se produz é validável na interação; se não ocorre essa validação, por exemplo, quando num encontro determinado, a interpretação é rechaçada, embora não seja cancelado imediatamente, esse conhecimento “não ascende ao *status* de operador simbólico, empregável no gerenciamento do encontro” (SALOMÃO, 1999: 72). Ao rechaçar explicitamente (“É *muito* irritante [...] ser chamado de ovo!”) a representação que Alice procura construir para ele, Humpty Dumpty desencadeia o reajuste colaborativo do conhecimento em construção. A menina, por sua vez, ao modalizar a predicação (“Eu disse que *parecia* um ovo”) e acrescentar atributos positivos ao objeto discursivo (“alguns ovos são muito bonitos”), está *recategorizando* o *outro*. Ousamos mesmo afirmar que há ainda nesse encontro a *recategorização* do *self*, a partir do “investimento do sujeito, [nesse caso, a personagem], em específico papel comunicativo, configurado frente à sua audiência, [nesse caso, Humpty Dumpty], num trabalho de mútua determinação, através do qual se constrói a face” (SALOMÃO, 1999: 72). Percebemos, pois, principalmente pela observação do narrador (“com esperança de transformar seu comentário numa espécie de elogio”), a tentativa empreendida por Alice de suprimir a possível representação negativa para ela construída por Humpty Dumpty e negociar, procurando provocar uma avaliação favorável no interlocutor, o acréscimo de atributos positivos à sua identidade.

⁷ “‘And how exactly like an egg he is!’ she said aloud, standing with her hands ready to catch him, for she was every moment expecting him to fall. / ‘It’s *very* provoking,’ Humpty Dumpty said after a long silence, looking away from Alice as he spoke, ‘to be called an egg — very!’ / ‘I said you *looked* like an egg, Sir,’ Alice gently explained. ‘And some eggs are very pretty, you know,’ she added, hoping to turn her remark into a sort of compliment” (CARROLL, 2001: 218, grifos do autor).

1.1 (RE)CATEGORIZAÇÃO E (INTER)SUBJETIVIDADE NO DISCURSO EPISTOLAR

Segundo Violi (2009), em textos epistolares, ocorre um diálogo à distância. As cartas trocadas entre Jayme e Maria, das quais tratamos neste artigo, inserem-se nessa categoria, isto é, podem ser consideradas turnos de uma conversação, uma relação dialogal entre um *eu* e um *tu* que se interpelam mutuamente.

Em termos benvenistinianos, esse seria o plano enunciativo do discurso, em oposição ao plano da história. Separando radicalmente essas duas instâncias enunciativas, Benveniste conceitua o discurso como "toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar de algum modo o outro" ([1966]1995: 267). Já a instância da narrativa histórica funcionaria apenas no âmbito da terceira pessoa (que ele considera uma "não-pessoa") mediante o uso de tempos verbais que afastam a interlocução e que favorecem a objetividade dos fatos.

Não nos compete, neste espaço, discutir essa separação benvenisteniana aparentemente categórica e estritamente formal entre os dois planos enunciativos. Segundo Sobral (2013a), mesmo se restringindo a "identificar as marcas linguísticas da atuação do sujeito" nos dois planos enunciativos, Benveniste não estaria negando o caráter social da linguagem, uma vez que o linguista francês "considera o ato verbal como um processo instaurador de sentidos, meio de estabelecimento e constituição de uma relação determinada entre indivíduos" (SOBRAL, 2013a: 87). Nosso intuito é apenas chamar a atenção especialmente para uma das categorias que consideramos na análise que apresentamos em seguida, as formas referenciais vocativas, que são próprias do que Benveniste entende como plano enunciativo do discurso.

As recategorizações que o casal (Jayme e Maria) empreende ao longo de sua troca de correspondência, por meio dessas expressões interpelativas, colaboram de maneira importante para a constituição de suas identidades. Há sempre um *eu* referindo um *tu* e, nesse processo, também um *eu* e um *tu* se autorreferindo e expressando seus modos de ser, vivendo a polaridade eu/tu, que, para Benveniste (1995: 286-7),

[...] não significa igualdade nem simetria; *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição 'interior/exterior', e ao mesmo tempo são reversíveis. Procure-se um paralelo a isso; não se encontrará nenhum. Única é a condição do homem na linguagem (grifos do autor).

Sobre essa complementaridade entre as pessoas do discurso, desenvolvida no uso da linguagem, é importante observar que Sobral (2013a), ao tentar construir uma interface entre Saussure e Bakhtin mediada pela proposta de Benveniste, mostra-se sensível a uma espécie de ir e vir que parece se configurar no discurso deste último. Especialmente no tocante à questão da subjetividade, Sobral mostra alguns trechos em que Benveniste enfatiza o *eu* linguístico, aparentemente restrito à esfera da *langue*, e outros em que ele fala das relações de classe que se instaurariam no uso dessas pessoas do discurso. Nas palavras de Sobral, o fato de Benveniste referir-se a classes sociais remeteria “sua concepção de sujeito para além do puramente individual e inapreensível constante da proposta de Saussure, ainda que com base em elementos intra-*langue*, mas [...] que assumem diferentes acepções em contexto” (SOBRAL, 2013a: 95, grifo do autor).

Vale ressaltar que, de nossa parte, pensamos que essa oposição entre interno/externo, linguístico/discursivo, individual/social etc. reflete, de certo modo, a tensão que de fato há em função da complexidade que caracteriza as práticas da linguagem. Do ponto de vista sociocognitivo, que assumimos neste trabalho, consideramos que a realidade discursiva é multifacetada e que uma das múltiplas faces é a da materialidade linguística. O olhar que lançamos sobre o diálogo entre Jayme e Maria não dissocia essa interação das considerações de tempo e espaço, muito menos da própria evolução que verificamos na sequência de cartas.

Voltando-se para o paradigma bakhtiniano, Sobral (2013a) admite uma aproximação apenas parcial entre a concepção de subjetividade postulada em Benveniste e a do Círculo Bakhtiniano. Em Sobral (2013b: 24), o autor desenvolve uma discussão breve, mas bastante esclarecedora sobre a noção de sujeito dialógico: “O Círculo destaca o sujeito não como fantoche das relações sociais, mas como um agente, um organizador de discursos, responsável por seus atos e responsivo ao outro”. Reforçando a noção interacional, dialógica de linguagem, que, inferimos, foge ao “objetivismo abstrato” (VOLOSHINOV, 2002), mas também às “concepções transcendentais [...] ou psicologizantes”, o autor propõe que o sujeito bakhtiniano é situado: “[...] que, sendo um eu-para-si, condição da identidade subjetiva, é também um-eu-para-o-outro, condição dessa inserção no plano relacional responsável/responsivo” (SOBRAL, 2013b: 22).

Esse brevíssimo apanhado de ideias advindas das abordagens enunciativas de Benveniste e do Círculo Bakhtiniano podem, a nosso ver, estabelecer uma

aproximação com os pressupostos sociocognitivos que embasam a noção de referencialização. O sujeito benvenistiano, o *eu* que se instaura ao passo em que também instaura o *tu* na enunciação, assim como o sujeito bakhtiniano, que pressupõe um projeto enunciativo para se constituir historicamente em relação ao outro, dialogam, ambos, segundo nosso entendimento, com o sujeito sociocognitivo pleiteado por Mondada e Dubois, o qual, segundo as autoras, “constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente as categorias manifestadas no discurso” (MONDADA; DUBOIS, 2003: 20).

Na análise a seguir, tomamos por base essa perspectiva, o que significa dizer que, de um lado, identificamos e comparamos as formas (inscríticas na materialidade linguística) por meio das quais os sujeitos missivistas interpelam um ao outro em suas mensagens amorosas; de outro lado, tentamos amplificar o texto (BEAUGRANDE, 1997), relacionando essas formas aos diversos níveis contextuais, via interação entre os processos de emergência e de incorporação (HANKS, 2008).

2. A REFERENCIALIZAÇÃO EM CARTAS DE AMOR DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Os dados que analisamos aqui foram retirados de cartas produzidas, entre os anos de 1936-1937, por um casal de namorados: Jayme Oliveira Saraiva e Maria Ribeiro da Costa, residentes no Rio de Janeiro⁸. Ele residia no subúrbio carioca, enquanto ela morava em Petrópolis. Por meio das referências a um universo prosaico que emergiram das cartas desse casal, pudemos inferir que tanto Jayme como Maria compartilhavam um cotidiano de pessoas simples. Sendo assim, parece-nos relevante destacar que todas as informações acerca desses missivistas foram depreendidas, unicamente, do conteúdo das cartas, uma vez que Jayme e Maria não eram pessoas ilustres e, portanto, não tinham seus dados disponíveis em domínio público.

Ao todo, a página virtual do projeto, mencionada anteriormente, disponibiliza 97 cartas desse casal. No entanto, nosso *corpus* completo⁹ é composto por 92 cartas,

⁸ Organização do acervo Jayme e Maria: LOPES, C. R. S.; PEDREIRA, R. O. *Projeto Retratos da mudança no sistema pronominal*: edição diplomático-interpretativa em fac-símile de cartas cariocas (séculos XVIII-XX). Laboratório de História do Português Brasileiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico> >. Acesso: 17 set. 2011.

⁹ Convém mencionarmos que esse *corpus* completo a que estamos fazendo referência é apresentado na dissertação *Referencialização e polidez em cartas de amor: o resgate da história de Jayme e Maria por meio da (re)construção do self e do outro*, disponível para download no ambiente virtual do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

tendo em vista que, por se repetirem no acervo virtual, cinco das cartas do acervo foram contadas somente uma vez. As 92 cartas foram organizadas cronologicamente, em dois quadros separados, um para as cartas de Jayme e outro para as cartas de Maria, de forma a mostrar o funcionamento “da troca comunicativa” entre o casal de namorados, como ilustra o Quadro 1, a seguir, em que exibimos apenas um turno (uma carta) de cada interlocutor¹⁰:

¹⁰ No Quadro 1, dispusemos também as formas de tratamento dispensadas a cada interactante.

Quadro 1: Correspondência entre Jayme e Maria

Jayme		Maria	
Carta 27 - 10 de outubro de 1936 (word)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	Carta 14 - 11 de outubro de 1936 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Jayme
<p>Rio de Janeiro 10 de Outubro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude assim como todos os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que continuo muito resfriado. Minha querida nunca passei uns dias tão aborrecido como agora, tudo isso é por estares longe de mim sem poder ver-te, sem poder sentir as tuas maos, ou as tuas faces. Recordam-me de teus beijos as saudades almen-ta-se, vendo o teu retrato as saudades domina-me sacrifica-me isso para mim é um desespero minha flor não posso suportar muito tempo nessa agonia. Tenho beijado tanto aquela santinha, e tenho olha-do tanto para os teus retrato, mas nada disso adianta as saudades não vão embora, porque estas longe de mim, mas não és culpada minha flor. Aquele retrato teu que tú me deste, e que estava com a minha mãe, anda comigo na minha carteira perto da santinha. Recomendações a todos os teus, beijos para a nossa garota, e para ti minha amada, aceita mui-tos beijos e abraços, dado com todo amor deste teu noivinho apaixonado apaixonado</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha querida noivinha</p> <p>Minha querida minha flor</p> <p>minha amada</p>	<p>Paulo de Frontim, 11-10-1936</p> <p>Meu queridinho noivinho</p> <p>Muitas saudades</p> <p>Desejo que esta te vá encontrar um pouco melhor do resfriado e que os teus vão bem, os meus vão bem graças a Deus, eu vou com mui-tas saudades do meu Jayminho e hoje que e Domingo recebi 4 carta 3 é de voce e 1 é do meu irmão Zezinho eu fiquei muito contente de ter notícias tuas por que ja amuitos temp dias não tinha [↑]carta[↑] eu estava muito triste que fui aa obrigada [↑]a[↑] registrar uma carta no sabado para voce, eu acho que as cartas estavam atrasadas. Eu esta semana ja escrevi 6 com esta e já arecebi 6 tuas estamos empate, eu escrevi esta no Domingo que é hoje, chuvia muito mais a si mesmo fui de tarde no coreio com a Ismenia e depois saiu para casa</p>	<p>Meu queridinho noivinho</p> <p>meu Jayminho</p>

Fonte: Queiroz (2015).

Do quadro geral, com todas as cartas do casal de namorados organizadas, retiramos alguns trechos, recortes numerados de (4) a (12), que serão analisados no próximo segmento. É importante esclarecermos que os desvios ortográficos

verificados nesses recortes foram preservados e nenhum elemento linguístico foi modificado.

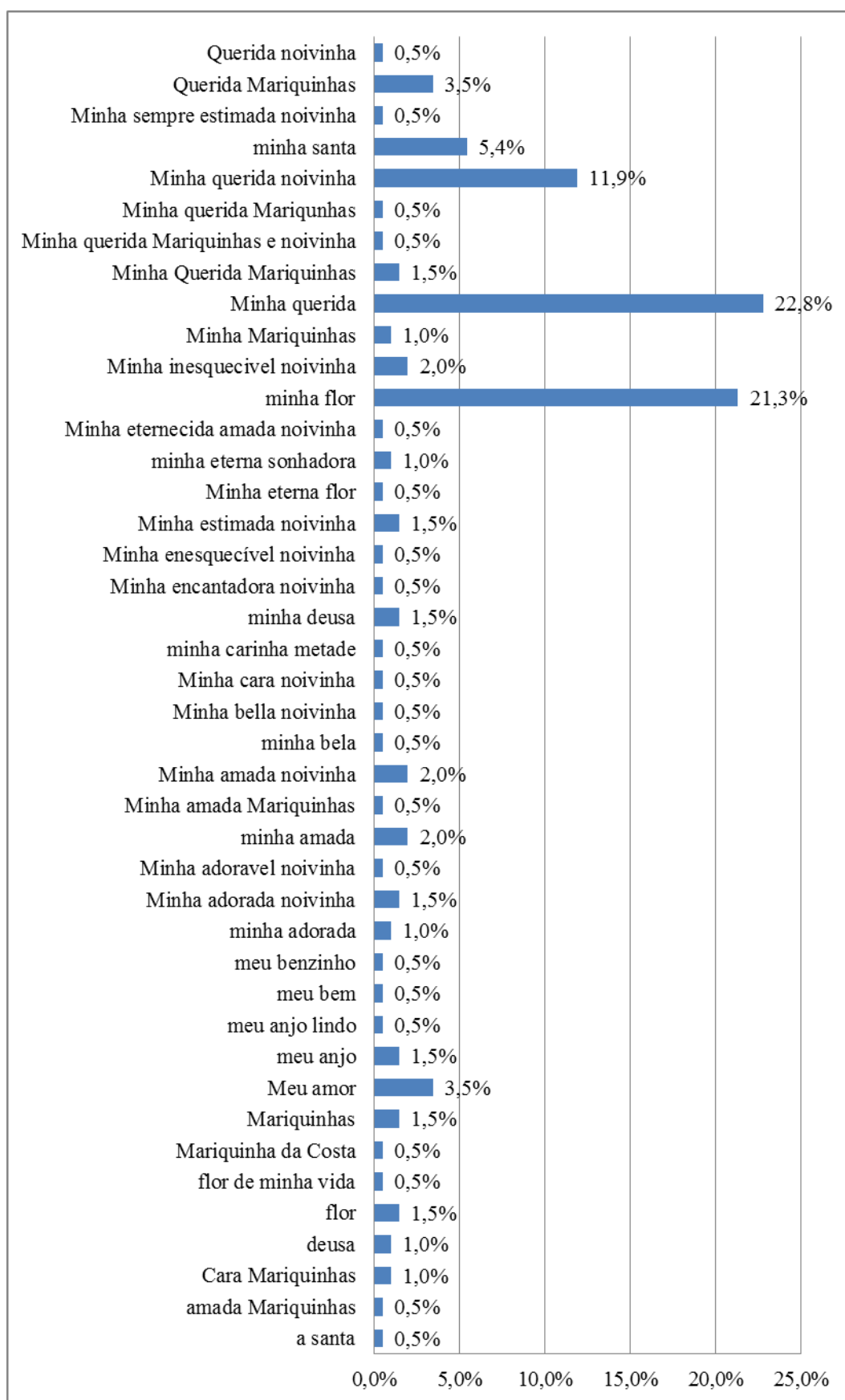
2.1 A (RE)CONSTRUÇÃO DO SELF E DO OUTRO NAS CARTAS DE JAYME E MARIA

Para a análise de nossos dados, realizamos o levantamento quantitativo das expressões de tratamento utilizadas por Jayme e Maria em todas as 92 cartas trocadas entre o casal. Esse levantamento constitui uma ferramenta importante para relatarmos, de forma mais geral, as primeiras impressões que tivemos acerca do tratamento negociado e construído entre os namorados.

Chamaram-nos a atenção, nas cartas, as expressões de tratamento (vocativos e assinaturas) utilizadas por ambos os participantes para referirem-se um ao outro. Apesar de tratar-se de uma correspondência de cunho afetivo, percebemos que as missivas ainda guardavam a tradição composicional clássica do gênero, com “seção de contato inicial, núcleo da carta e seção de despedida” (LOPES, 2012: 46)¹¹. Diante dessas primeiras evidências, pareceu-nos pertinente ampliar nossa observação acerca das formas de tratamento utilizadas por Jayme e Maria, delineando, dessa forma, a construção e reconstrução intersubjetiva das identidades desses sujeitos. As formas de tratamento utilizadas por Jayme para referir-se a Maria, coletadas em todas as cartas, possibilitaram a confecção do Gráfico 1, a seguir:

¹¹ Lopes (2012), em seu estudo, intitulado *Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas*, mostra aplicações do modelo de análise das Tradições Discursivas a alguns fenômenos linguísticos.

Gráfico 1: Formas de tratamento direcionadas a Maria



Fonte: Queiroz (2015).

Observando o Gráfico 1, surpreendeu-nos o vasto e diversificado repertório de expressões articulado por Jayme para se referir a Maria. Ele utilizou ao todo 42 formas diferentes de tratamento direcionadas à noiva, muito embora, em alguns casos, o núcleo do sintagma se repita e a variação fique apenas por conta dos modificadores. Para nós, esse fato demonstra que Jayme parecia ter a necessidade não somente de reiterar o que sentia pela namorada, optando, com frequência, por um discurso lírico, mas também de inovar¹² o tratamento a ela conferido, empregando, para tanto, novas expressões de tratamento, as quais acabam promovendo a recategorização intensa da representação que constrói para a noiva.

Atentando para as expressões que estão em maior porcentagem no Gráfico 1, *Querida Mariquinhas* (3,5%), *minha santa* (5,4%), *minha querida noivinha* (11,9%), *minha flor* (21,3%) e *minha querida* (22,8%), consideramos que essas foram as formas que Jayme encontrou para, ao mesmo tempo em que inovava o tratamento afetivo, exaltar a imagem de Maria, negociando com a namorada essa representação enaltecida que constrói para ela. Compreendemos essa negociação no contexto do pensamento de Benveniste (2006: 69), para quem os falantes apropriam-se de um mesmo “sistema de referências pessoais”, e esse sistema, no momento em que é assumido por seu enunciador, “se torna único”. Observamos que a representação romântica e carinhosa do *self* que emerge da enunciação de Jayme, a partir das escolhas das expressões referenciais pelas quais se dirige a Maria, é recategorizada no recorte (4), a seguir:

(4)

Rio de Janeiro 2 de Fevereiro de 1937

Minha querida noivinha saudades enfinda

[...] No domingo espera-me em tua casa que eu irei lá ter, caso eu não vá, porque já estou adivinhando qualquer corrente, tu não sahes da casa porque eu não quero, só podes brincar comigo. Dá lembranças a *Dona Marietta*, deve ser esse o nome dela, esta que esta ahi contigo, e não da confiança a esse tal chauffeur.

Provavelmente influenciado pela ideologia da sociedade patriarcal em que estava imerso, na qual a mulher ocupava uma “posição de dependência e

¹² Conforme entendemos, é possível que esse anseio de Jayme esteja relacionado a uma espécie de desenvoltura inspirada pelo contato mais frequente com a modalidade escrita da língua, que, em comparação com a noiva, o missivista apresenta. Esta característica de Jayme pode ser inferida a partir dos recortes das cartas que exibiremos mais adiante.

inferioridade perante o marido” (DEL PRIORE, 2006: 259), Jayme alimenta um sentimento de posse em relação a Maria quando se constrói como um sujeito ciumento. Isto é o que podemos observar no recorte, quando ele deixa claro que não permite que ela saia sozinha para “brincar” carnaval: “[...] caso eu não vá, porque já estou adivinhando qualquer corrente, tu não sahes da casa porque eu não quero, só podes brincar comigo”, e quando pede que ela mantenha distância do “tal chauffeur”: “[...] e não da confiança a esse tal chauffeur”.

É importante mencionarmos ainda que, mesmo supondo que as atitudes de Jayme, discursivizadas nas cartas, possam ter sido motivadas pelo contexto social e histórico em que estas foram escritas, entendemos que a construção da identidade do enunciador não é totalmente *determinada* por esse aspecto; há na argumentação do missivista a tentativa de negociar com a namorada uma representação aceitável do sujeito ciumento. Jayme busca amenizar o autoritarismo de suas demandas, mesclando-o com outros recursos, como a forma de tratamento carinhosa “*Minha querida noivinha*”, a declaração afetuosa “*saudades enfinda*” e a recomendação cortês “*Dá lembranças a Dona Marietta*”. Estamos, portanto, alinhados com o que afirma Benveniste (2006: 78), uma vez que, para o autor, o tempo do discurso não está reduzido ao “tempo crônico” ou fechado em uma “subjetividade solipsista. Ele funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal”.

A ampla variedade de formas de tratamento articuladas por Jayme, mostrada no Gráfico 1, despertou nossa atenção para a desenvoltura que ele apresenta no trato com a língua escrita. Essa relativa fluência linguística seria condizente com a função que ele desempenhava. Conforme conseguimos perceber pela leitura das cartas, Jayme trabalhava em um escritório na cidade do Rio de Janeiro, o que provavelmente lhe proporcionava um contato frequente com a língua escrita. É o que podemos observar a partir do recorte (5), a seguir, retirado da carta de Jayme do dia 24 de janeiro de 1937.

(5)

Rio de Janeiro 24 de Janeiro de 1937

Minha querida noivinha

Espero que ao receberes esta estejes passando bem, e que tua tristeza não seja tão avassaladora quanto a minha.

[...] Desejo saber minha flor se de fato tens confiança em mim, sofro ainda mais por isso,

tenho andado muito adoentado estes dias. **No escritório querem por força que eu vá a um medico já chegaram a falar com o Senhor. Mario e ele disse para que eu mo trata-se, porque ele me dá as férias se eu quiser,[...]**

Nesse recorte, Jayme registra que o local em que trabalha seria um escritório cujo chefe é o “Senhor Mário”, conforme podemos verificar no trecho grifado. Para confirmar essa informação, recorreremos também a Silva (2012)¹³. Segundo a autora, que teve acesso aos envelopes das cartas ainda preservados, “Jayme trabalhava em uma empresa de importação e exportação de produtos têxteis situada na Rua Buenos Aires, 160, no Centro da então capital federal” (SILVA, 2012: 42).

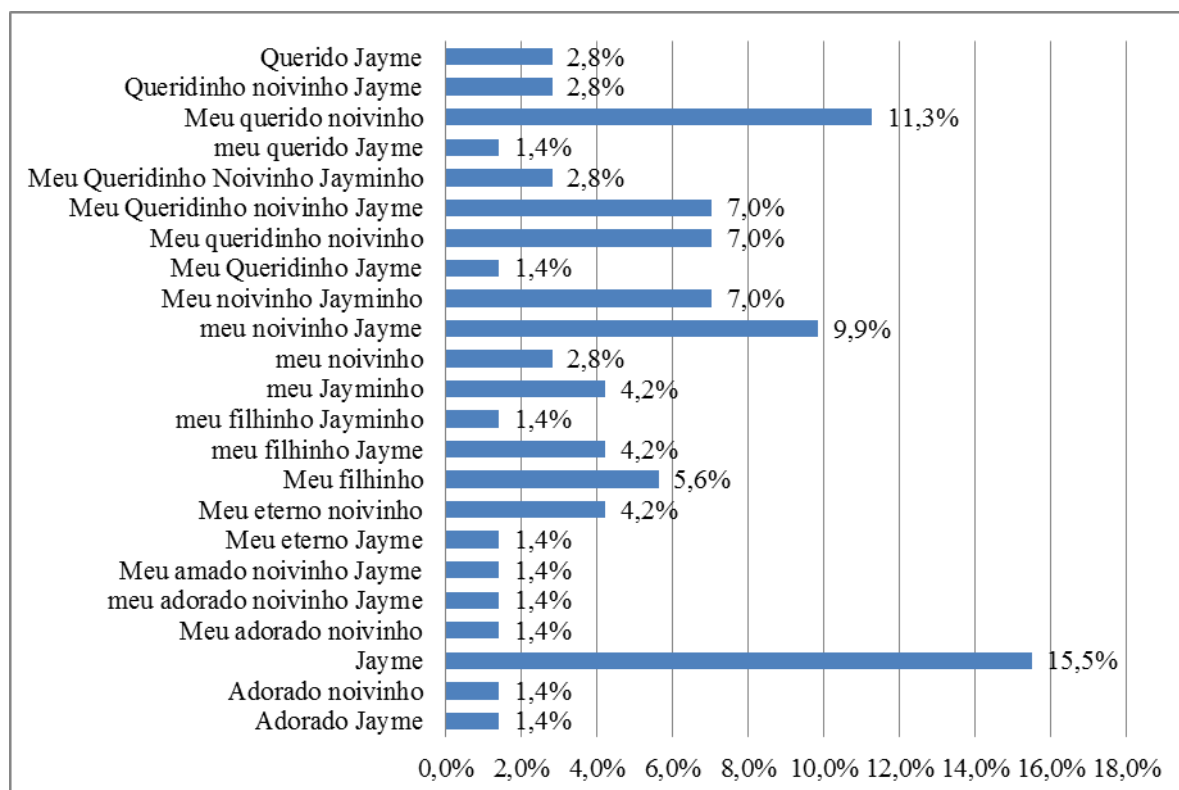
Além dessa constatação sobre o trabalho desempenhado por Jayme, o uso de algumas expressões em suas cartas também nos permite inferir que ele tinha um contato frequente com a língua escrita. Isso é o que podemos comprovar ao observar as seguintes formas linguísticas presentes no recorte (5): “*tristeza [...] tão avassaladora*”, “*Senhor Mario*”, “*por força*” e “*mo trata-se*”, as quais, segundo entendemos, podem ser vistas como marcas de um discurso mais tipicamente escrito, mais precisamente, de uma escrita formal¹⁴.

Quanto às expressões de tratamento direcionadas a Jayme utilizadas por Maria, podemos examinar seu grau de diversificação e a frequência de suas ocorrências por meio do Gráfico 2, a seguir:

¹³ Silva (2012), em sua pesquisa de cunho variacionista, também utilizou como *corpus* as cartas de Jayme e Maria. Em seu trabalho, a autora estudou a alternância entre os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito nas cartas pessoais desses dois sujeitos.

¹⁴ A nosso ver, o fato de o missivista cometer inadequação do ponto de vista da grafia não invalida a observação de que ele tinha contato com esse léxico que foge ao coloquial.

Gráfico 2: Formas de tratamento direcionadas a Jayme



Fonte: Queiroz (2015).

Observamos, por meio das 23 ocorrências listadas no Gráfico 2, que as expressões mais frequentes foram: *Jayme* (15,5%), *Meu querido noivinho* (11,3%), *Meu noivinho Jayme* (9,9%), *Meu queridinho noivinho Jayme*, *Meu queridinho noivinho* e *Meu noivinho Jayminho* (7,0% cada uma), *Meu filhinho* (5,6%), *Meu Jayminho* e *Meu filhinho Jayme* (4,2% cada uma). Nessas ocorrências, chamaram-nos a atenção as variadas expressões no diminutivo registradas por Maria para referir-se ao noivo.

Em cartas pessoais, consoante Oesterreicher (2006 *apud* LOPES, 2012: 64), existem diversos indícios do “grau de intimidade, do caráter privado” e dos traços de emoção e de confiança. Entendemos que o uso de expressões diminutivas nas cartas de Maria é compatível com todos os indícios enumerados por Lopes, o que faz com que nossa protagonista feminina construa-se como uma figura atenciosa com o seu interlocutor.

Ainda no Gráfico 2, surpreendeu-nos a elevada ocorrência do referente “*Jayme*”, sem modificador, nas cartas de Maria. Essa atitude mais objetiva de Maria, em termos de Biber (1988), por exemplo, demonstra o momento em que Maria

afasta-se do envolvimento característico da relação amorosa, marcado pelo constante uso de expressões afetivas nas cartas de ambos os missivistas, para tratar do “aqui” e do “agora” de sua vida cotidiana. Em outras palavras, o uso do nome “*Jayme*”, ao que parece, sinaliza a mudança do propósito retórico de Maria, que deixa de centrar-se no sentimento compartilhado com Jayme e passa a evidenciar as novidades do dia a dia. Acreditamos, assim, que, devido ao fato de a namorada de Jayme estar, no momento da escritura de muitas de suas cartas, imersa em um novo “cenário social” (HANKS, 2008: 173), era importante para ela informar Jayme sobre essa nova realidade¹⁵, como mostra o recorte (6):

(6)

Paulo de Frontem 10– 9– 1936

Querido Jayme

Saudades

Desejo que ja estejas passando melhor de saude que e o meu desejo eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus mais com muita chuva aqui fais muito fro e bom para que e casado aqui so tem mato tem muito sapo grilo e gafanhoto sam os bichos do lugar.

Jayme isto não entereça o que entereca e o nosso a mor eu tenho chorado muito con saldades tuas aqui e muito triste era bom se voce estivese aqui com migo. [...]

Consideramos, então, que Maria assume uma subjetividade mais informativa, enquanto Jayme, que não se tinha afastado de seu cenário, mantém a atenção voltada para a saudade que sentia da namorada, como podemos ver no recorte (7):

(7)

Rio de Janeiro 9 de setembro de 1936

Cara Mariquinhas

Estimo que a viagem tenha te corrido maravilhosamente bem. Embora tivesses partido hoje só em pensar que tenho de passar uns tempos sem te ver, ja começo a sentir os tormento da saudade, [...].

Observando os dois gráficos, admitimos que a escolha dos diferentes modificadores utilizados por Maria e por Jayme confirma o que enuncia Koch (2009: 68-69): “o uso de uma descrição definida implica sempre uma escolha dentre as

¹⁵ É importante lembrarmos que a maioria das cartas de Maria, mais precisamente quinze cartas, foram enviadas a Jayme do município de Engenheiro Paulo de Frontin durante o período em que Maria permaneceu na casa da irmã.

propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, [...], em função do projeto de dizer do produtor do texto”. Segundo a autora, trata-se da possibilidade de ativar “as características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar” (KOCH, 2009: 69). Para nós, existe, portanto, um reajuste significativo das representações do outro quando Maria categoriza Jayme como “*Meu queridinho noivinho Jayminho*” e “*meu filhinho Jayminho*”, e quando Jayme categoriza Maria como “*Minha enternecida amada noivinha*” e “*Minha sempre estimada noivinha*”.

No primeiro caso, consideramos que as formas “queridinho noivinho” ou “filhinho” marcam a negociação da construção de identidades peculiares para Jayme, que só são compreendidas tendo em vista o contexto da situação enunciada. De forma semelhante, o segundo caso nos mostra que Jayme, em função de seu projeto de dizer, enfatiza na representação da “noivinha” atributos (“enternecida amada” e “sempre estimada”) que o auxiliam na construção de uma identidade enaltecida para Maria.

Apesar de percebermos que Jayme supera quase que em dobro de ocorrências as articulações promovidas por Maria, precisamos considerar que, numericamente, contamos com uma quantidade de cartas de Jayme (64) maior do que a quantidade de cartas de Maria (28). Além disso, em sua maioria, as cartas escritas por Jayme são longas. Conforme já observado, ele demonstra ter mais domínio do gênero epistolar; talvez por isso escreva mais, o que, de certa forma, favorece o uso de mais expressões de tratamento. Sendo assim, devido ao número maior de cartas de Jayme e à extensão delas, é compreensível que o Gráfico 1, representativo das formas de tratamento nas missivas deste, registre uma maior diversidade de formas do que o Gráfico 2, representativo das formas de tratamento nas correspondências de Maria.

Nas cartas de Jayme e Maria, alguns acontecimentos parecem relevantes para ampliar os resultados discutidos anteriormente e, assim, fornecer mais elementos que permitam (re)construir as identidades do *self* e do outro. No decorrer dessa correspondência, percebemos que a enunciação dos missivistas revela não apenas as peculiaridades do cotidiano, como também espelha o sólido vínculo afetivo estabelecido entre o casal de namorados. Essa constatação nos lembra do argumento de Marcuschi (2007: 131), de que a produção de sentidos origina-se na comunicação intersubjetiva e não na “relação direta da mente com o mundo”.

Dessa maneira, o sujeito, quando enuncia algo, conforme Sobral (2013b: 24, grifo do autor), “*diz de uma dada maneira dirigindo-se a alguém*, e o ser desse

alguém interfere na própria maneira de dizer, na escolha dos próprios itens lexicais”. É o que podemos verificar no trecho, a seguir, da carta de Jayme do dia 13 de setembro de 1936. Nessa missiva, pareceu-nos interessante destacar o episódio em que Jayme, à medida que poetiza a saudade que sente de Maria, (re)constrói a identidade da noiva.

(8)

Rio de Janeiro 13 de Setembro de 1936

[...]

Minha querida sinto tanto a tua falta, anseio para ver-te que parece-me que tu não voltas mais, eu sei que um dia virás e espero-te ansioso, mas quando? [...]

Esta noite tive um sonho contigo tão lindo, que preferia ficar naquela doce ilusão até tu chegares, sonhava que havia entrado na tua casa, sem ninguém pecerber e fui encontrar-te dormindo tua alcova estava linda, era a palida luz da lampada sombria sobre um leito de flores reclinada, como a lua por noite embalsamada entre as nuvens de amor voce durmia.

Era **a deusa do mar**, na esuma fria pela maré das aguas embaladas, era **um anjo entre nuvens d'alvorada** Que em sonhos se banhava e se esquecia, era **mais bela**, o seio palpitando negros olhos as palpebras abrindo formas nús no leito resvalado, não te rias de mim, **meu anjo lindo**, por ti as noites eu velo chorando, por ti nos sonhos morrerei sorrindo.

[...] **Deste que sempre te pertenceu** muitas saudades

Jayme O. Saraiva

No início desse trecho, ele refere-se à Maria como “*Minha querida*” e conta acerca da falta que ela lhe faz: “[...] *sinto tanto a tua falta, anseio para ver-te que parece-me que tu não voltas mais, eu sei que um dia virás e espero-te ansioso, mas quando?*”. Essa falta que Jayme enuncia era consequência da longa estadia de Maria na casa da irmã no município de Engenheiro Paulo de Frontin, distante 67 km da cidade em que residia o noivo. Além de discorrer acerca da saudade que sente da noiva, Jayme confia seus sentimentos por meio de um discurso intimista.

Ao revelar o sonho que teve com Maria: “*Esta noite tive um sonho contigo tão lindo, que preferia ficar naquela doce ilusão até tu chegares [...]*”, Jayme, por meio do lirismo de seu discurso, reconstrói a identidade da noiva, recategorizando-a a partir de uma série de expressões referenciais mediante as quais agrega a Maria novos significados. Em um primeiro momento, ela era a “*Minha querida*”, tornando-se, em seguida, “*a deusa do mar*”. Logo após, é recategorizada como “[a] *mais bela*”; depois se transforma em “*um anjo entre nuvens d'alvorada*” e, finalmente, “*um anjo lindo*”. A ocorrência dessas diversas transformações da identidade de Maria no

discurso de Jayme permite-nos concordar com a ideia de Mondada e Dubois (2003: 23) de que “[...] variações no discurso poderiam ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação, mais que da semântica dos objetos”.

Pareceu-nos ainda que o lirismo empregado por Jayme favorece também a recategorização do *self*, a partir da identificação do missivista como: “[de + este] *Deste que sempre te pertenceu [...]*.” Destacamos que Jayme adota “um papel comunicativo particular” (SALOMÃO, 1999: 71) que exerce para si e para a namorada, investindo-se da intimidade que ambos compartilham, a qual permite esse tipo de tratamento.

Por outro lado, ao final da carta (assim como acontece em várias outras), Jayme recategoriza-se em “*Jayme O. Saraiva*”. Nesse ponto do discurso, pareceu-nos que o noivo de Maria, ao assinar o nome completo, retoma o “modelo de escrita da época” (LOPES, 2012: 51), não se desprendendo da estrutura do gênero. Compreendemos que, assim como o uso da expressão referencial lírica que mencionamos, a qual contribui para agregar novos sentidos ao objeto discursivo (nesse caso a identidade do *self*), essa obediência aos aspectos formais da carta, que Jaime apresenta enquanto enunciador, também provoca a recategorização do missivista. Ao abandonar o lirismo, o namorado romântico reassume a figura de funcionário de escritório.

Conforme Hanks (2008: 175), “duas dimensões abrangentes do contexto”, emergência e incorporação, formatam a produção, circulação e recepção dos discursos; enquanto “a emergência está associada ao chamado tempo real da produção do enunciado e da interação, [...] a incorporação descreve a situação dos enunciados em um contexto mais amplo”. Jayme e Maria, por exemplo, partilham o mesmo contexto social, o que permite que as informações negociadas entre esses interlocutores sejam facilmente compreendidas por eles ao serem incorporadas nessa dimensão não emergente da interação. Por outro lado, para uma terceira pessoa, em determinados momentos, o conhecimento partilhado entre o casal de namorados permanece “opaco” (COSTA, 2000: 94). Ao tentar reconstruir alguns acontecimentos da história de Jayme e Maria, recorreremos às pistas presentes nas cartas do casal, para conhecermos melhor esses dois personagens do século XX. Um exemplo dessa tentativa de reconstrução é o episódio das fotografias, que começa na carta de Jayme do dia 21 de setembro de 1936, representada no recorte (9):

(9)

Rio de Janeiro 21 de Setembro de 1936

Minha querida Mariquinhas e noivinha.

[...] Peço que remetas as fotografias o mais breve possível, porque estou ansioso por vel-as, depois na próxima carta te remeterei dinheiro para pagal-as.

Nessa missiva, Jayme constrói-se como uma pessoa impaciente: “*Peço que remetas as fotografias o mais breve possível [...]*” e ansiosa, como ele mesmo se declara: “[...] *porque estou ansioso por vel-as*”. Observamos que o discurso de Jayme confirma o que asseveram Brait e Melo (2013: 64): “[...] a enunciação é o processo que produz e nele deixa marcas da subjetividade, da intersubjetividade, da alteridade que caracterizam a língua em uso [...]”.

Em sua resposta à carta de Jayme, representada no recorte (10), a seguir, Maria tenta tranquilizar o noivo: “[...] *as fotografias ainda não estão pontas*”, mas também enuncia subjetivamente um possível culpado para a demora da entrega das fotografias: “[...] *nois fizemos mal de deichar as chapas com elle por que elle e muito m-ole*”. No entanto, percebemos que o dêitico pessoal “ele” não nos permite descobrir com clareza a quem Maria se refere nesse trecho. Na verdade, ela constrói intersubjetivamente com o interlocutor, Jayme, uma representação *para* o “ele”: “*elle e muito m-ole*”. Por outro lado, a identidade do “ele” é renegociada por meio da carta do dia 29 de setembro de 1936 (recorte (11)). Vemos, a partir da observação desses recortes, aquilo que afirmam Flores e Teixeira (2013: 34): a “[...] intersubjetividade é condição da subjetividade”. De acordo com os autores, é devido à intersubjetividade que “se pode pensar em subjetividade”.

(10)

Paulo de Frontim, 23 – 9 – 1936

Meu Queridinho noivinho Jayme

[...] as fotografias ainda não estão prontas nois fizemos mal de deichar as chapas com elle por que elle e muito m-ole.

(11)

Rio de Janeiro 29 de Setembro de 1936

Minha querida noivinha.

[...]

Caso quando esta chegar au teu poder, ainda não tiveres mandado as fotografias não precisas mandar mais, porque já sei como elas estão, eu logo vi que esse fotografo de meia tijela, era um grandicissimo barbeiro, fala com o teu cunhado que não precisa ter o trabalho de mandar revelar aqui na cidade, porque eu as trago no domingo. desculpe-me eu usar desses termos, porque estava um pouco na serra.

No recorte (11), Jayme constrói uma representação para o dêitico “ele” quando enuncia: “[...] *eu logo vi que esse fotografo de meia tijela [...]*”. Ademais, o noivo de Maria ainda aparece como um sujeito grosseiro – “[...] *as fotografias não precisas mandar mais, porque já sei como elas estão, eu logo vi que esse fotografo de meia tijela, era um grandicissimo barbeiro*” – e impaciente – “[...] *fala com o teu cunhado que não precisa ter o trabalho de mandar revelar aqui na cidade, porque eu as trago no domingo*”. Notamos ainda que o “*fotógrafo de meia tijela*” é recategorizado em “*um grandicissimo barbeiro*”. A transformação do fotógrafo nos lembra do que argumenta Custódio Filho (2011: 131): [o] “mesmo objeto de discurso recebe diferentes formas referenciais, que modificam (recategorizam) seu *status* ao longo do texto”. Em outras palavras, no decorrer da leitura, especificidades vão sendo acrescentadas ao referente: o “fotografo de meia tijela” é também um “grandicissimo barbeiro”.

Por sua vez, Jayme procura redimir-se da possível representação negativa que Maria constrói para ele, apresentando-se como uma pessoa gentil, quando pede desculpas: “*desculpe-me eu usar desses termos, porque estava um pouco na serra*”, negociando, assim, aspectos que construam para si uma nova identidade diante da noiva. Na tentativa de acalmar o noivo, Maria escreve a carta do dia 01 de outubro de 1936 (recorte (12)). No trecho que apresentamos a seguir, a noiva de Jayme, ao que parece, assumindo uma postura pacificadora, informa que “*Os retratos já devem estar com voce a te voce ficou na serra por cauza dos retratos*”.

(12)

Paulo de Frontim, 1 – 10 – 1936

Queridinho noivinho Jayme

[...] eu peço-te para não fiques sangado com migo que eu não sou a culpada de eu ficar a qui se eu paça-se uma vida a legre em tão sim mais e paço uma vida tão trite e chorando so por causa do meu noivinho Jayme. Os retratos ja devem estar com voce a te voce ficou na serra por cauza dos retratos,

Maria demonstra nesse trecho ser sensível à impaciência de Jayme, mas deixa transparecer que é também vítima das atitudes grosseiras do noivo. Assim, consideramos possível comprovar o que menciona Sobral (2013b: 22): “ainda que o sujeito se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define [...] eis o não acabamento constitutivo do Ser, tão rico em ressonâncias filosóficas, discursivas e outras”. Isso porque, embora Maria seja recategorizada como uma figura enaltecida por Jayme, ela assume uma identidade cautelosa, por vezes amedrontada pelo posicionamento indelicado do noivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme enunciamos no início deste artigo, objetivamos, com este trabalho, discutir a construção e a reconstrução da intersubjetividade nas cartas de amor de um casal de namorados do início do século XX, a partir das expressões de tratamento utilizadas pelos sujeitos, bem como das (re)construções estabelecidas pelas predicações. Em vista de nosso propósito, julgamos importante evidenciar alguns aspectos da discussão empreendida anteriormente.

O primeiro deles diz respeito à diversidade de formas de tratamento que nos permitiram observar a (re)construção intersubjetiva dos interlocutores. Tal variedade de tratamento nos pareceu demonstrar, em relação a Jayme, a necessidade de reiterar, por meio de um discurso lírico, o sentimento que nutria por Maria, e de inovar as formas de tratamento conferidas a ela, promovendo, dessa maneira, a construção de diferentes representações da noiva. Por outro lado, em suas cartas, Maria optou, com certa frequência, por expressões menos elaboradas para referir-se a Jayme. Acreditamos que essa preferência está ligada, provavelmente, ao fato de ela assumir, em muitas de suas missivas, uma subjetividade mais informativa. Destacamos também a ênfase das predicações na construção dos referentes. Muitas das recategorizações de Maria, por exemplo, efetivaram-se por meio de unidades de

sentido tecidas a partir de recursos mais complexos do que o simples emprego de expressões referenciais.

Salientamos ainda que a construção e a reconstrução da (inter)subjetividade não foram motivadas apenas pelos acréscimos postos aos referentes, mas também pela emergência de um contexto efêmero entre dois interlocutores e a incorporação desse contexto imediato a um contexto mais amplo. Ao mostrarmos, por exemplo, o episódio das fotografias, estamos reforçando essa observação, uma vez que a (re)construção do *self* e do outro nesse episódio não se realiza com base apenas no contexto de uso imediato, mas também ancora-se em determinações contextuais mais abrangentes.

Consideramos oportuna a abordagem que empreendemos das cartas de Jayme e Maria, tendo em vista que, além de contribuirmos para o diálogo inovador entre a referenciação e os estudos da enunciação, estamos demonstrando, mediante os usos autênticos que esses falantes fizeram da língua, como a instabilidade dos objetos discursivos, característica dos processos referenciais, materializa-se na (re)categorização dos próprios sujeitos do discurso, isto é, na (re)construção intersubjetiva das identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER- BÉGUELIN, M.-J. (Orgs.). *Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-271.
2. BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse*. Freedom of access to knowledge and society through Discourse. Norwood: Ablex, 1997. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm>. Acesso em: 14 fev. 2012.
3. BENTES, A. C.; ALVES FILHO, F. Apresentação. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão , v. 12, n. 3, p. 649-655, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322012000300001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2015.

4. BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
5. _____. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar; Rosa Atitié Figueira; Vandarsi Sant' Ana Castro; João Wanderlei Geraldi; Ingedore G. Villaça Koch. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 68-80.
6. BRAIT, B; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-78.
7. BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
8. CARROLL, L. *Alice's adventures in Wonderland & Through the Looking-Glass*. London: Wordsworth classics, 2001.
9. CAVALCANTE, M.M. et al. (Orgs.). *Texto discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
10. CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
11. _____.; LIMA, S. M. C. de. *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.
12. COSTA, M. H. A. *De quadrinhos a narrativas: a recontextualização do discurso na escrita infantil*. Fortaleza. 2000. 130p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
13. CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações, esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
14. DEL PRIORE, M. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
Disponível em: < <http://books.google.com.br> >. Acesso em: 19 mar. 2012.
15. FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
16. HANKS, W.F. O que é contexto? In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A.R. (Orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

17. JAGUARIBE, V. M. F. Os caprichos e as condescendências do discurso literário. In: CAVALCANTE, M.M *et al.* *Texto discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 221-249.
18. KOCH, I.G.V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 9-161, 2002.
19. _____. *Introdução à linguística textual*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
20. LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2008. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
21. LOPES, C. R. S. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). *História do Português brasileiro no Rio Grande do Norte: análises linguística textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012, p. 17-54. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/UFRN.pdf> >. Acesso em: 15 jan. 2015.
22. MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
23. MONDADA, L. *Verbalization de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets du discours*. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.
24. _____.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorization: une approche des processus de référenciation. *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), 1995, p. 273-302.
25. _____. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
26. QUEIROZ, A.A. *Referenciação e polidez em cartas de amor: o resgate da história de Jayme e Maria por meio do self e do outro*. 2015. 230f. Dissertação (Mestrado

- em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.
27. SACKS, H. On the Analyzability of Stories by Children. In: GUMPERZ, J.J.; HYMES, D. (Orgs.). *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972, p. 325-345.
28. SALOMÃO, M.M.M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <
<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2014.
29. SILVA, E.N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
30. SOBRAL, A. Benveniste: uma interface possível entre Saussure e o Círculo de Bakhtin? In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. v. 3. Campinas: Mercado de Letras, 2013a. p. 71-114.
31. _____. Ato/ atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 11-36.
32. VIOLI, P. O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica. Tradução de Maria Helenice Araújo Costa. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). *Gêneros e seqüências textuais*. Recife: EDUPE, 2009, p. 45-60.
33. VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud. 9. ed. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2002.

ABSTRACT: In this article, we discuss the (re)construction of intersubjectivity in love letters written by a loving couple from the Thirties, Jayme and Maria, through the expressions used by them to refer to self and to each other, as well as the predications that enable the (re)construction of these interactants' identities. Leaning on some theoretical principles from the referenciation field (MONDADA; DUBOIS, 2003; APOTHELOZ; REICHLER-BEGUELIN, 1995; SALOMÃO, 1999) and on some reflections derived from the enunciation theory (VOLOSHINOV, 2002; BENVENISTE, 2006; SOBRAL, 2013a, 2013b), we analyze the quantitative survey of the vocative expressions used in all the ninety two letters exchanged by the couple to refer to each other, as well as some excerpts from these letters which provide us significant clues to outline the (re)construction of the (inter)subjectivity between those interlocutors. The results showed the frequent presence in

Jayme's letters of innovative terms to refer to Maria as he exalts his bride figure; they also indicated the contribution that context of situated use as well as socially shared context provides to the construction of subjects' identities.

Keywords: Referenciation; Intersubjectivity; Love letters.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 1º de agosto de 2015.